

Modalidades do gozo

ANDRÉA RODRIGUES

Resenha do livro *Modalidades do Gozo*, de José Antonio Pereira da Silva (org.). Salvador: Campo Psicanalítico, 2007.

Lacan expressou o voto de que o campo do gozo fosse chamado de campo lacaniano, pois demonstrou como ele é uma das molas mestras no funcionamento do mundo. Freud, por sua vez, não conceituou o gozo, mas lançou as bases do seu campo, situando-o mais além do princípio do prazer. Ele chegou a afirmar que “tal como nos foi imposta, a vida nos é demasiado pesada”¹ e tudo o que conseguimos são formas de evitar o sofrimento e uma maneira bastante paradoxal de satisfação, pois a própria pulsão nutre a civilização e suas exigências de renúncia. A invenção da pulsão de morte deu a Freud um instrumento que pode ser utilizado tanto na clínica – pois dá conta de como o sujeito está preso no círculo de suas repetições – quanto no estudo da civilização, ao introduzir a lei moral e a culpa.

¹ Freud. *El malestar na cultura* (1929/1973, p. 3024)

Se, no princípio, Lacan pode ter usado o termo gozo no mesmo sentido de prazer excessivo, como Freud, logo as diferenças entre eles começaram a aparecer. Se, para Freud, a libido é o cimento das relações sociais, para Lacan, a partir do *Seminário 17: O avesso da psicanálise*, é o objeto *a*, aqui chamado mais-de-gozar, que compõe e estrutura o campo do gozo. Ele volta a tratar do gozo, apresentando suas modalidades, em *O saber do psicanalista* e no *Seminário 20: Mais ainda*.

Tal preâmbulo se fez para dizer que o gozo e suas modalidades foi o tema escolhido para esta sexta coletânea da Associação Científica do Campo Psicanalítico, da Bahia. Citando José Antônio Pereira da Silva, organizador desse volume:

“‘Modalidades do Gozo’ foi o tema de estudo do Campo Psicanalítico em 2006. Foi pesquisado e debatido o conceito de gozo na psicanálise, circunscrevendo-o nas suas diversas categorias discursivas. Para traba-

lhar as modalidades do gozo, foram tomadas como referências iniciais: a teoria aristotélica das frases declarativas assertóricas, cuja afirmação ou negação da castração do sujeito é considerada como real, distinguindo-a entre Universal e Particular; a teoria da Lógica Modal, também de Aristóteles, que consiste em opor as categorias Necessário e Contingente, Impossível e Possível, e o ensino lacaniano sobre o campo do gozo que, ao tratar das modalidades do gozo, relaciona os quadros assertórico e modal de Aristóteles com as fórmulas quânticas da sexualização (...)

O livro compõe-se de cinco partes: na primeira delas, intitulada Conferências, e que ocupa cerca de um terço da publicação, temos – como o nome já indica – duas de Joel Birman; nas demais, encontramos os diversos artigos equilibradamente agrupados segundo quatro temas: Modalidades do Gozo; Figurações do Gozo; Estruturas e Gozo e Discurso e Gozo. Gostaria de iniciar meus comentários pelas conferências de Birman.

Na primeira delas, “A biopolítica na genealogia da psicanálise: *da salvação à cura*”, ele nos brinda com uma extensa análise histórica da passagem entre o discurso dominado pela religião, com sua idéia de salvação, à entrada em cena do discurso médico, que traz para o primeiro plano a idéia de saúde e cura. Faz em seguida um exame da teoria freudiana a partir das teorias dominantes na época do seu surgimento. Aprendemos então o quanto a psicanálise deve à biologia vitalista no seu princípio, até a descoberta da pulsão de morte modificar esse quadro: “é a morte o que se encontra no fundamento da vida”. No final, o autor discute a influência da pulsão de morte sobre a clínica, para concluir que um dos desafios constantes da aventura psicanalítica seria não cair na sedução da normalização. Pena não ter havido espaço para aprofundar esse viés clínico, inclusive com discussão de caso.

Isso não falta, no entanto, na segunda conferência, na qual parte de um caso real para debater a passagem ao ato, baseando-se na noção de vidas infames, de Foucault e trazendo-nos uma discussão que, como bem colocou José Antonio, “se inscreve no li-

mite retórico entre uma narrativa clínica e um inquérito policial”.

Quanto aos artigos componentes das demais partes do livro, comentá-los um a um seria excessivamente extenso, além disso já ter sido feito na sua introdução pelo organizador da coletânea. Enfatizemos o quanto seus autores realmente se puseram ao trabalho sobre o tema proposto, resultando numa publicação rica e variada, por contar com textos de diversos matizes, ou seja, tanto teóricos quanto clínicos, versando sobre os vários aspectos do gozo.

Ressalte-se, ainda, o fato de que nem todos os autores fazem parte do Campo Lacaniano, possibilitando-nos conhecer o que colegas de outros grupos e instituições estão trabalhando, bem como fomentando um debate que tem tudo para ser produtivo. Prova disso é a presença de nomes de articulistas que, mesmo não pertencendo à nossa Escola ou a algum de nossos fóruns, estão presentes em outras publicações ou atividades do Campo Psicanalítico.

Deve-se louvar, também, a iniciativa dos colegas baianos de publicar sempre seus trabalhos, pondo em prática a intenção de Lacan, explicitada no seu *Ato de Fundação*, de que “nada será poupado para que tudo o que eles (aqueles que vierem para sua Escola) fizerem de válido tenha a repercussão que merecer, e no lugar que convier.”² Que nos sirva de exemplo, então, para todos nós do Campo Lacaniano no Brasil.

² Lacan. Ato de fundação (1964/2003, p.235)

referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. El malestar em la Cultura. Obras Completas de Sigmund Freud. Madrid: Editorial Nueva, 3^a ed., 1973.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, Jacques. Seminário 20: mais, ainda. 2^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- LACAN, Jacques. Ato de fundação. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

recebido

29/10/2007

aprovado

06/11/2007